

Palestrante: Francisco Ferreira Nunes - Diretor da Business Assessoria, empresário, executivo e consultor empresarial.

Tema: Formação Profissional - Qualificação e Requalificação Profissional - Alfabetização.

Boa tarde a todos. Primeiro eu queria agradecer o convite de estar aqui com vocês. Quero agradecer em nome de todos, não só a mesa, mas a vocês também.

O assunto que a gente vai falar muda um pouquinho o contexto do que vocês acabaram de escutar do doutor Arouca, isso é a primeira coisa. A segunda coisa que é muito importante - nós estamos ai num estado avançado do horário. Terceira coisa que é importante - o que vocês acabaram de ouvir do doutor Arouca é um assunto da maior relevância e não dá pra gente deixar de pensar em continuar pensando nisso por mais algumas horas, no mínimo. Então, em função disso, eu tenho uma proposta para vocês e espero que vocês entendam o que eu vou fazer, porque acho a produtiva e oportuna nesse momento. Falar na hora em que as pessoas não estão preparadas para ouvir é melhor não falar. Então eu vou tentar fazer aqui rapidamente apenas um escopo do que a gente pensou e que a gente escreveu. Tenho compromisso e me disponho a continuar a discutir o assunto com vocês, porque é impossível tratar um assunto dessa magnitude em meia hora, mas vou fazer aqui a primeira proposta que é a seguinte:

Eu tive a oportunidade de ler um pouco do material de vocês, me parece que de Curitiba, que fez uma proposta de fazer um seminário, um encontro, para discutir especificamente essa questão da qualificação profissional. Então estou aderindo a essa proposta e me colocando à disposição de vocês, porque ela precisa ser detalhada e não é tão simples assim. Mas eu vou tentar como eu disse, falar em quinze minutos, porque eu tenho uma idéia, um pensamento, uma proposta, uma experiência e é preciso ser discutida, só que não dá pra discutir agora. Queria deixar esse recado pra que a gente possa explorar ao máximo possível o tema.

O que nos foi colocado foi "Qualificação, Requalificação e Educação". A gente tem a oportunidade de vivenciar nos últimos quatro anos um projeto que foi colocado justamente para qualificação, requalificação e educação do trabalhador da construção civil. O que a gente gostaria de acrescentar é o seguinte: isso tem uma origem. Nós temos um fato. Não sei se alguém aqui é de São Paulo, mas provavelmente quem for, conhece bem a Jovem Pan

, e tem um programa lá onde eles dizem "*isto é fato!*". E qual é o fato? Nós não temos mão de obra qualificada para atender a demanda no momento e não vamos ter nos próximos três ou cinco anos - isso é um fato. Segundo fato: ninguém tem dados reais para se dizer a quantidade que se precisa. O que muito se tem são as perspectivas das empresas de quanto se precisa para fazer a construção - planejamento esse, que fica prejudicado porque a própria proposta de fazer lançamento não tá dando conta de realizar. As últimas vinte e quatro empresas que entraram com "aipiou" na bolsa de valores não vão dar conta de fazer nenhum lançamento, porque estão se propondo muito menos à construção. A coisa é muito mais complexa que a gente possa imaginar.

Mas por que isso aconteceu? Era isso que a gente tem que falar rapidamente. A gente chama de certa miopia coletiva e aí, eu estou me incluindo nessa miopia. O que eu estou dizendo: miopia do governo em todas as esferas - federais, estaduais, municipais. É miopia do empresariado, miopia das instituições de ensino, miopia do sindicalismo - me desculpe a presença e a ausência de quem aqui não está. Isso porque falta foco. Não tem foco na qualificação. Não existe foco e naquilo que não tem foco, não tem direcionamento a energia é dispersa. Por isso não quero discutir esse assunto depois de um problema tão grave quanto o que vocês colocaram aqui. É preciso dar a importância necessária ao assunto, porque senão isso aqui vai passar simplesmente em quinze minutos e ser esquecido e não se pode esquecer.

Assim como o Arouca colocou aqui em aspecto muito forte e vocês agiram positivamente a isso, que é a sobrevivência de vocês, a qualificação da mão de obra é a sobrevivência do setor. Então precisa enxergar isso com clareza e se não tem essa consciência é preciso fazer uma reflexão.

A idéia é focar no desenvolvimento profissional, daí a gente entra no grande problema que todos vocês conhecem e eu não vou discursar, vou só falar - que é o problema da alfabetização. Como eu vou ensinar algo para alguém que não sabe ler? Isso dá cinco horas de assunto com vocês, mas a gente estabeleceu, estipulou uma metodologia para ultrapassar isso. A outra coisa é - como vou fazer a qualificação e a requalificação se, em alguns aspectos, eu não consigo ter leitura? Eu não sei qual é a real necessidade. Desculpa-me! Aqui vale para vocês, já falei isso para empresários, já disse isso para o governo, estou falando para todo mundo. Nós não temos números confiáveis para saber o que nós precisamos fazer.

Quem precisa mais ser qualificado - carpinteiro ou pedreiro ou o gesso? Ninguém sabe disso. Ninguém sabe simplesmente se sabe quando se coloca uma placa. Mas agora como eu vou fazer a qualificação? Ai começa o problema mais sério ainda porque infelizmente, é o que eu falo de miopia. É ruim falar quando as pessoas não estão presentes, mas vamos lá. Qual o grande erro do Fernando Henrique Cardoso com o conceito educacional com o Paulo Renato? Ele focou toda a parte educacional até o ensino médio, soltou universidade para mercado e largou o treinamento, largou a capacitação profissional. Fizemos um monte de besteira com o dinheiro do FAT e não é uma não. É uma atrás da outra. E depois eu tenho o desprazer de ouvir uma pessoa querendo formar uma pessoa analfabeta em quarenta horas, dizendo que esse curso vai ter valia. Eu me recuso a ouvir uma coisa dessas. Isso não é de quem quer fazer uma coisa séria. Aí é gastar dinheiro nosso, da sociedade e a gente não pode compartilhar com isso.

Isso não é uma coisa de hoje. Gente vou falar com vocês, uma pessoa que tem a vivência de trinta e três anos nesse ramo de formar gente. Formar trabalhador é a vida inteira mais seis meses! Eu vou repetir de novo porque parece piada o que eu estou dizendo: formar pessoas é a vida inteira mais seis meses. Isso não acaba nunca. Não vai ser um curso dado com recurso do FAT que vai resolver o problema. Mas uma coisa é verdade - alguém tem que puxar esse samba e a minha proposta é que sejam vocês. Porque se vocês não fizerem, me desculpe aí de novo a ausência, algo semelhante ao que o Doutor Arouca falou, na questão do trabalho, na formação do trabalho profissional. Somos chamados para discutir algumas coisas com algumas pessoas que não sabem nem o que

estão falando. Pessoas que têm o conhecimento teórico e descobri uma coisa muito legal, que vale para vocês contarem piada por ai - empresário normalmente não gosta de pagar, não gosta de dar aumento. Burocrata também não gosta de pagar dinheiro para quem quer trabalhar. Não é possível gastar 50% em dinheiro só com vale transporte para capacitação, isso é jogar dinheiro fora.

Então a nossa proposta é treinar dentro da obra. É treinar para fazer o empresariado pagar o vale transporte, absorver a questão alimentar dentro da obra. É criar uma carreira para o profissional da construção civil que hoje, algumas pessoas têm vergonha de dizer que é servente. Esse é um dos problemas da coisa que passa por várias instâncias. Se vocês não aproveitarem o momento do boom do mercado... vocês estão num momento agora de mexer com uma coisa que é muito importante para o trabalhador - que é a auto-estima dele. Ninguém é competente sem aprender. Não tem caminho, não tem outra forma. Rezar é sempre bom, mas tem que ter competência. Eu não vou aumentar a minha produtividade se não tiver conhecimento. Eu não vou ter conhecimento de qualidade se não for treinado adequadamente. Essa é questão, o resto é discurso e firula.

Nesta linha é que a gente entende que tem que ter um programa de curto, médio e longo prazo. Não da pra fazer uma coisa pontual, daí a minha proposta mais uma vez de levar a serio essa discussão, que passa por um problema regional, passa por problemas vocacionais, problemas muito mais sérios que a gente possa imaginar. O que a gente tem a dizer é o seguinte - essa experiência que a gente vivenciou nos últimos cinco, seis anos nos permite fazer essas afirmações com absoluta tranquilidade. Como a gente tem feito isso? Primeiro fizemos uma parceria com o sindicato de São Paulo, desenvolvemos o projeto, buscamos algumas empresas para fazer parceria junto - até porque ninguém faz nada sozinho nisso, tem que ter essa junção e agora, mais do que nunca, todos os empresários estão morrendo de amores por quem quiser fazer isso, já que tem contratos a serem cumpridos e não vai dar conta. O que nós fizemos? Uma junção da teoria com a prática. Para isso nós fomos buscar subsídio nos fabricantes, já que eles detêm em primeira mão, a tecnologia da fabricação dos produtos. Nós buscamos essa tecnologia, trabalhamos em cima dela, buscamos uma linguagem para o trabalhador e fazer com que isso se torne uma coisa do dia a dia. Usamos uma metodologia meio que copiada de todo mundo e criamos o que estamos chamando de "Metodologia do Aprendizado Significativo". À medida que durante o dia você faz teoria e à noite você mostra a prática, tem liga na cabeça do trabalhador. Não adianta colocar as pessoas dentro da sala de aula duzentas horas, se ele não meter a mão na massa. Nossa proposta passa teoria e prática no canteiro de obras. E quem paga isso são as empresas, pois precisam dessa mão de obra qualificada - a coisa é simples de resolver.

Outra coisa que é muito importante. Nessa linha a gente sabe que tem muito dinheiro disponível, cerca de 75 milhões de reais para fazer treinamento. Mas se não usar o dinheiro direito, não adianta. Aí que entra a minha proposta: se vocês não tiverem uma participação efetiva nesse processo, nós vamos perder o bonde porque temos dinheiro disponível, o empresariado quer essa mão de obra qualificada e nós todos sabemos que ela precisa ser qualificada. Isso não é uma questão de "*achologia*", é fato. E eu vou dar um dado para que todos entendam e me perdoem se eu atingir

alguém - nos sentimos isso na pele quando teve o primeiro apagão, nós sentimos que não tinha muito electricista nesse país. Se nós não abraçarmos essa causa, vamos ficar de novo mais seis meses, reclamando que pobre não tem sorte. Só o discurso não tem solução. Tem que meter a mão na massa! Se eu não posso fazer num nível federal, que eu faça num estadual, num municipal, que eu faça no meu bairro, mas que eu faça alguma coisa.

Quando a gente vai para essa linha, se fala de recurso, aí vêm algumas propostas que a gente tem: quanto dinheiro tem no sistema "S" disponível? É um negócio assim que a gente nem imagina e com um programa bem direcionado, só que precisa passar por tudo isso que o Doutor Arouca falou pra vocês aqui agora a pouco. Outro problema estrutural a ser resolvido. Da mesma forma essa discussão de FAT, de dinheiro e tal. É muito fácil de redirecionar. Na minha visão individualista, eu vejo esse processo solto - ele é de todo mundo e não é de ninguém. Como é um tema que todo mundo gosta, todo mundo tem um discurso para falar. Mas efetivamente, pouca coisa tem sido feita para resolver o assunto. É nisso que a gente precisa refletir. Eu quero deixar essa reflexão e, se preciso for, irei a cada estado que os senhores estão para discutir o assunto. Afinal esse é um problema de cidadania, um problema dos trabalhadores os quais vocês representam.

Na última planilha apresentada vamos destilar o veneno, falar um pouquinho mal dos outros. O que eu quero dizer nessa planilha aí chama-se boa vontade. Tem muita gente com boa vontade e disposição para resolver esse assunto, mas cuidado com as "boas vontades" de resolver esse assunto, porque tenho visto muito aproveitadores. Pessoas que do dia para a noite se aventuram a participar de um programa dessa magnitude e não tem experiência nenhuma em treinamento na construção civil. Nunca foi foco do SENAI treinar mão de obra da construção civil. Quando eu digo miopia das instituições de ensino, é a isso que eu estou me referindo.

Segunda coisa que é importante, experiências maravilhosas. Muitas experiências em estados isolados, de pessoas precisando de ajuda e vocês são os elementos de ajuda. São experiências que a gente tem que parar de ser orgulhoso, tem que parar de frescura. A gente tem que ir lá para aprender. Não tem que ficar com esse negócio de orgulho que só eu sei inventar roda. Não é momento de inventar roda! Nós não temos tempo de inventar a roda! É preciso quem tem experiência, o outro tem que ir lá e copiar. Não tem que ficar com coisa. Quem tem experiência boa, tem que contar pra todo mundo! Não tem problema ser criticado - isso faz parte do show! Mas não adianta eu ser o cara mais sábio do mundo, se ficar com a informação para mim. É essa reflexão que eu quero passar para os senhores.

Da mesma forma experiências negativas que eu tenho visto. Pessoas que dizem "vamos dar um curso profissionalizante", como vocês já ouviram em um monte de instituto por aí. Daí faz um monte de arapuca, ninguém sai com nada e aquele monte de coisa. Infelizmente as pessoas são aproveitadoras de uma necessidade, uma ignorância e acho que vocês têm obrigação de interferir nessa brincadeira, na medida do possível.

A outra coisa é o seguinte: se nós conseguirmos entender, não vou nem falar do governo, já que o governo é um desastre ecológico. Nós temos que compreender que a alavanca da construção civil passa necessariamente pela qualificação, requalificação - daí pode dar o nome que quiser, para

tornar os nossos companheiros mais competentes naquilo que lês fazem. Aí que entra a solução.

E por fim, aí eu faço um clamor, coloca foco para vocês nisso! Se vocês que tem dez reais sobrando não canalizar para qualificar, você não vai ter o ponto futuro preservado. Qualificação para mim é ponto futuro. É preservação da espécie. Vou abrir para algumas perguntas e insisto em dizer que não gostaria de deixar esse assunto somente aqui nessa discussão e nesse bate bola. É imprescindível que vocês levem isso para frente e me coloco à disposição para ajudá-los com a minha pequena experiência. Não sou o único que sabe fazer as coisas e tenho experiência de trinta anos - quase nada perto de alguns de vocês, mas é fundamental que a gente erga essa bandeira para levar. O fato é: tem que pegar como causa e não como problema.

Perguntas e Respostas:

1 - Amaral / Federação Estadual das Indústrias de Rondônia e Acre.

Tem uma resolução nova, não sei se é 570 do Ministério do Trabalho que dá foco exatamente ao que você acabou de falar - a questão da certificação. Exatamente aqueles companheiros que não tem escolaridade e são verdadeiros profissionais. Agora chegam nesses cursos e são dadas apostilas de geografia, história, matemática e português e eles perguntam cadê o martelo, o serrote e a colher, o esquadro. Exatamente eu gostaria de saber qual o enfoque você da nessa questão da certificação?

(A resposta veio pela metade - início da gravação saltado)

2 - Osman / Piauí.

Tenho me preocupado muito com a grade curricular desses cursos profissionalizantes e em levantamentos que eu tenho feito no decorrer dos tempos, tenho observado que é muito dinheiro desperdiçado, muito dinheiro que vai embora pelo ralo e que não surte nenhum efeito positivo para os trabalhadores. As pessoas são muito exigentes e exigem muito dos trabalhadores, mas esses cursos não proporcionam essa habilidade. São cursos que tem apenas a parte teórica e não a prática e os trabalhadores têm ficado alheios a essa discussão, a essa política porque não tem dado ênfase ao controle social. Nós precisamos fazer parte do controle social dessas políticas, pois senão não teremos capacidade de direcioná-las aos trabalhadores que necessitam dessa política. E onde está o Ministério Público, como guardião da lei, que não vê essa questão, não protege esses políticos, não protege esses trabalhadores, não faz com que se cumpra a lei? E o controle social é um direito constitucional. Nós temos o direito de participar dessa política. Portanto, a minha pergunta é o que fazemos para fazermos valer os nossos direitos constitucionais?

Eu entendi a pergunta dele e sei que é muito importante termos cuidado com a questão da grade curricular. Mas a questão vai além da grade curricular. Está inserida na metodologia de ensino e no material a ser distribuído. Eu vejo o governo gastar nosso dinheiro com material que vai ficar pela metade, ficar engavetado, pagando direitos autorais a alguns maravilhosos profissionais para não fazer uso. É uma vergonha!

3 - Flávio Henrique / Maranhão

Não seria melhor, ao invés, do governo, da Secretaria de Estado, do recurso do FAT contratar essas executoras, essas ONG's, que de repente montam umas arapucas, que não tem a mínima estrutura para dar as aulas práticas. Se o governo fizesse, através do Ministério do Trabalho, convênio com as empresas, principalmente no caso da construção civil. Porque as construtoras têm os canteiros de obras onde podem dar as aulas práticas e se fizessem convênios com as empresas para que os trabalhadores tivessem tanto as aulas teóricas, quanto prática dentro dos canteiros. Não seria bem mais produtivo, não teríamos um resultado bem melhor?

A proposta do companheiro só cabe se tiver a participação de vocês. Ela é muito válida, perfeitamente possível. Se o governo tivesse a sabedoria estimular as empresas na capacitação, dando qualquer troco na conta corrente delas, nós não precisaríamos de dinheiro do FAT para fazer. Porque dinheiro não é problema para capacitação. Qualquer obra tem em seu orçamento, uma verba destinada para o que a gente chama de desperdício. O desperdício na construção civil cansa - tanto é que faz parte do orçamento das obras. Basta reduzir o desperdício com capacitação e competência, que nós vamos ter dinheiro disponível. Eu não preciso ir a lugar nenhum, mas nós não tocamos nisso. Ai que chamo todo mundo à reflexão e quero encerrar a minha participação fazendo um puxão de orelha - olhem o tamanho da sala e como ficou vazia. Aqui apresento um dos problemas.